

# Poemas Triangulares

Manuela Correia



**elefante** editores  **2020**

# AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

---

A poesia em formato digital terá o mesmo  
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da  
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,  
agora, dar o passo para além dos limites do  
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e  
construir o seu livro. Também ele cúmplice  
desta batalha pela poesia que não pode ter  
fronteiras, nem barreiras.

*Elefante Editores*

## Silêncio Enigma

---

Ilhas terraços  
rosas incenso  
barro moldado  
parto sem tempo  
O que há de novo  
neste silêncio  
Que se debruça  
nos meus sentidos  
com asas brancas  
com sóis erguidos  
Como se fosse  
um interlúdio  
cujos contornos  
cujo conteúdo  
de tão erguidos  
quase me agarram  
de tão alados  
quase me escapam  
E um longo claustro  
de céu vidrado  
E mais silêncio  
a penetrá-lo  
No que me mostra  
mais o que esconde  
deixa-me o espanto  
deixa-me longe  
de descobrir  
o que há por dentro  
desta planura  
em movimento  
Sem que se quebre  
uma só torre  
sem que se mexa  
uma só folha  
Sem que se saiba

se é cedo ou tarde  
Sem que se veja  
nuvem ou nave  
que nos transporte  
a um outro lado  
Donde se aviste  
o cais mais raro  
a cor mais vaga  
deste sossego  
a luz mais límpida  
deste segredo  
Ilhas terraços  
rosas incenso  
barro moldado  
parto sem tempo  
O que há de novo  
neste silêncio

## Bosque

---

Relembro um bosque em meu passado  
e o teu instinto a devassá-lo  
Nas zonas virgens e sombrias  
as tuas mãos a arder perdidas

Havia folhas coloridas  
rente aos teus olhos como ogivas  
E a luz que havia comovia-se  
do que no fundo não dizias

Lembro fragilizadas áreas  
e a ternura tua a nimbá-las  
Ramos ou braços que crescendo  
se entrelaçavam em Setembro

E num regato havia lábios  
e a tua boca a desvendá-los  
E em que torso ou em que tronco  
o teu assombro foi mais longo

E lembro o bosque menos livre  
mas muito mais inteiro e firme  
E o teu amor já como estigma  
que pautaria a minha vida

## Legenda

---

Quando as mãos  
vagas de expressão  
têm fome  
de outras mãos  
Quando os olhos  
lentos ou longos  
têm sede  
de outros olhos  
Quando uma música  
põe o corpo dormente  
mas dói  
no pensamento  
Quando o sono  
às vezes mente  
e a vigília  
está atenta  
Quando o brilho do céu  
se turva  
ao mínimo sinal  
de invocarmos  
um nome ou um lugar  
Quando o tempo  
deixa de correr de frente  
e começa a arrastar-se  
lentamente

Há com certeza um espaço  
preciso ou inexacto  
mas que contém a legenda  
da palavra saudade

# Porque

---

Porque o teu corpo é verde quando o penso  
e o teu silêncio é branco no meu sono  
Porque os teus braços são grandes planícies  
onde eu caibo em êxtase e em abandono

Porque o teu torso é o feltro que me nimba  
e as tuas mãos são o sol da quentura  
Porque o teu sorriso é um lustre acordado  
e o teu coração é um lar de ternura

Porque a tua boca é a fonte mais pura  
onde a sede me morre alegremente  
Porque os teus olhos são caleidoscópios  
onde o meu coração não se desmente

Porque és para mim a árvore infinita  
e para ti eu sou a eterna flor  
É que o tempo se alonga de joelhos  
quando um de nós soletra    Meu amor

## Bruma

---

É sobretudo haver cerrada bruma  
que ergue um inviolável desespero  
por fora das crateras do existir  
por dentro das fachadas do não ser

Oh vontade indistinta de ser quê  
Oh incêndio já morto por qual água  
Oh derrocada louca nos sentidos  
Oh exéquias de tudo em nenhum lado

E é terrível esta casa no escuro  
entre a questão de ser ou não terrestre  
E é terrível raízes a exumarem-se  
na cave de uma suspensa floresta

E no passar das horas tudo intacto  
mas por dentro do tempo um redemoinho  
Oh náusea de sentir e de pensar  
Oh febre de crer ou não que há destino

É sobretudo a bruma a limitar  
toda a nossa expansão num qualquer mundo  
Oh Ninfas Oh Parcas Oh Mãe Oh Deus  
É sobretudo haver bruma nenhuma

## Passamento

---

Pesa tanto o infinito  
a que me rendo dobrada  
que o meu corpo é a versão  
de uma casa abandonada  
Onde no chão cresceu lodo  
no tecto cresceram teias  
no meio um vulto esmagado  
do sangue das minhas veias  
Todas as portas fendidas  
sem que ninguém as transponha  
todos os lustres quebrados  
numa insónia medonha  
Rasga-se uma claridade  
na esquina mais escura  
E um só deus vem segredar-me  
ser a minha sepultura

## Mea Culpa

---

É tarde meu amor  
A luz da vela que acendeste  
vai desistindo aos poucos  
A flor que tu plantaste  
mesmo na raiz dos meus cabelos  
já vai descendo aos ombros

É tarde meu amor  
A música que me destinaste  
é já trémula e rouca  
O licor que verteste  
pra ilibar a sede dos meus lábios  
já vai esquecendo a boca

É tarde meu amor  
Os nossos rituais secretos  
já estremecem na surdina  
E a ternura vestida  
ou despida até ao limite  
já não chega ao sublime

É tarde meu amor  
A promessa em que dissemos sempre  
já só se cumpre às vezes  
E o molde que esculpimos  
para atravessar os nossos dias  
já não é mais o mesmo

É tarde meu amor  
Tu estás parado na minha sombra  
por mais que tentes entendê-la  
E eu estou apenas morta  
na vida feliz que me deste  
e eu não soube viver

## Hoje

---

É de feltro hoje o tempo  
e de matizes  
São de cera as palavras  
não as risques  
É de franjas o caminho  
e de rendas  
São de asas minhas mãos  
não as repreendas  
É secreto este encontro  
não estremeças  
São de seda as minhas coxas  
não te esqueças  
É a noite à nossa espera  
de joelhos  
São de água os meus lábios  
vem bebê-los

## Face Ou Verso De Uma Frase

---

Não é certo dizer irmos os dois  
pois já não caminhávamos a par  
Tu fluías e seguias em frente  
eu balançava e ficava para trás

Teu braço direito abria clareiras  
onde brilhava a luz em que fluías  
Meu braço esquerdo erguia barricadas  
onde morava a sombra a confundir-me

Teu peito era o desenho mais aberto  
a todos os sinais de plenitude  
O meu peito fechado era só esboço  
e todos os sinais eram rasuras

Tua alma vivia a renovar-se  
e chamava por mim a cada espaço  
Minha alma vivia só letarga  
e sem motivo algum que a restaurasse

E assim tu encenavas um caminho  
e assim nenhum caminho eu soletrava  
Não seguíamos juntos e no entanto  
Que estranho como tanto nos amávamos



# Tempestade

---

Tombavam musas  
decapitadas  
por entre os braços  
das enseadas  
rodavam dunas  
sem rumo certo  
a praia em cinza  
o céu deserto  
Numa voragem  
rugia o mar  
ondas fermentes  
a remontar  
Que descalbro  
pela marginal  
peixes e búzios  
vagas de sal  
um véu de bruma  
zurze a cidade  
Onde nascera  
a tempestade  
Num mar esdrúxulo  
ou cais quadrados  
De que remorsos  
por que pecados



## Há Dias Assim

---

Era a manhã mais nocturna  
que me assistia de longe  
Era o saber que era ontem  
e sentir que ainda é hoje  
esse ponto em que me encontro  
entre o líquido e o sólido  
essa poalha no cérebro  
esse estado quase mórbido  
Mesmo à luz do meio dia  
a alma ensaiou um grito  
porém o corpo ficou  
no mesmo nada cativo  
Só os olhos erguiam torres  
mas sem nervos construídas  
que não tocavam o céu  
nem no chão tinham raízes  
por mais que as multiplicasse  
pra negar minha evasiva  
em espuma se volviam  
mal vinha a primeira brisa  
Era a hora do sol posto  
e cor nenhuma me amava  
por dentro do meu silêncio  
uma ruína esventrada  
Que me lembro de existir  
noutra elipse ou noutra fuga  
noutro porto de abandono  
noutra ponte da lacuna

## As Quatro Estações

---

Toda a minha vida entre as estações se tem  
dividido  
por crateras por planura por colinas  
Quantos dias só se prende nas noites  
quantas noites só se solta nas matinas

Resiste sempre à entrada do Outono  
intento de prolongá-lo ou desmenti-lo  
Mas depois vive tudo entre firme e embriagada  
desde a escada que range ao patamar  
tranquilo

O Inverno chegue ou não de forma exacta  
encontra sempre abertos uma porta ou de um  
vitral  
E a minha vida em variável sistemática  
de habitar um casulo ou uma marginal

A Primavera pela avidez com que a anseia  
é sempre uma enchente mas em breve só um  
rasto  
a sensação que um tempo é finito  
sem que integralmente se tenha gasto

O Verão é como abrir comportas de ar  
que dão acesso à lucidez e às loucuras  
A minha vida toda se redesenha  
entre inscrições movediças e seguras

## Pele

---

Lentos os olhos  
a percorrer a distância e o imediato  
na pele que se reúne

Lentos os braços  
a construir aquele amplexo  
na pele que se confunde

Lentos os dedos  
a redesenhar todas as formas  
na pele que se desalinha

Lenta a saliva  
que se dissolve ou não dissolve  
na pele que se ilumina

Lenta uma palavra  
que de tão expressiva  
na pele se espalha e range

Lenta a própria pele  
a emergir do imenso fluxo  
da carne e do sangue

## Lago

---

Talvez que um dia  
seja inventado  
um logo lago  
de eternidade  
Nada de flancos  
nada de torsos  
Só do que está  
pra além do corpo  
Talvez que nasça  
por entre dunas  
mas não de areia  
mas não de fumo  
Antes de argila  
que mais se molda  
no que por dentro  
temos de formas  
Curvas ou rectas  
será indistinto  
desde que se ergam  
num só sentido  
As que nos levam  
além do tecto  
além do óbvio  
do céu deserto  
Que sendo límpidas  
não nos reprovam  
não se confundem  
e nem se evolum  
Não as que crescem  
mas depois murcham  
sem que saibamos  
pra onde vão  
Antes as livres  
do nosso pânico  
que têm casa  
dentro do crânio

mas que respiram  
sem um senão  
sob a moldura  
do coração  
De quem mais ama  
tanto mais altas  
e além da música  
que rasga as pautas  
Podem ser brancas  
podem ser verdes  
porém sem lodo  
de haver paredes  
Todas assentes  
no mesmo largo  
sem impostura  
de haver atalhos  
Nem ruidosas  
nem apagadas  
só cintilantes  
dentro do lago  
Que pode mesmo  
nem ser exacto  
Mas inventá-lo  
não custa nada



## Interlúdio

---

É tão intenso este planalto  
e ao mesmo tempo tão refracto  
pelo que em ti é proeminente  
pelo que em mim é amarrotado

É tão vibrante este quadro  
e ao mesmo tempo paraíso  
pelo que em ti há de sensato  
pelo que em mim há de excessivo

É tão de sol este interlúdio  
e é tão de sombra ao mesmo tempo  
pelo que em ti há de firmeza  
pelo que em mim há de suspenso

## Doloroso

---

Estamos fechados num casulo  
e remordemos a memória  
E à pergunta que se rasga  
se é já o fim da teia sórdida  
Ecoa um raio rente ao chão  
- Ainda não ainda não

E sob um frio até aos ossos  
e entre a bruma sobre os dedos  
À pergunta que discorre  
se é o fim dos pesadelos  
Soa a voz da negação  
- Ainda não ainda não

Estamos velhos só de espera  
e somos tristes entre a vida  
Mas à pergunta que estremece  
se toda a dor já foi sofrida  
Diz o silêncio em confissão  
- Ainda não ainda não

Estamos prostrados sob o céu  
e remexemos sentimentos  
E à pergunta que lateja  
se é enfim o fim dos tormentos  
Há um sinal de rejeição  
- Ainda não ainda não

E alimentamo-nos de um ópio  
que de nós próprios se alimenta  
E à pergunta que se esbarra  
se murcha a luz lamacenta  
Sobe um grito de explosão  
- Ainda não ainda não

E caminhamos entre a treva  
de geração em geração  
E à pergunta que se ergue  
se é o fim da escuridão  
Silva o tempo na expressão  
- Ainda não ainda não

E há-de sobrevir a morte  
Num fulcro de exactidão  
E à pergunta tão velada  
se é o fim da solidão  
Cai o pano e soa então  
- Talvez sim e talvez não

## Procura

---

Procuro no teu corpo  
o silêncio suado  
a rima dos teus olhos  
o beijo ainda intacto  
O som anasalado  
o peito como aurora  
a fundura dos dedos  
o verso que se evola  
Procuro no teu corpo  
a densidade cúbica  
a presença da pele  
a memória da música  
O tacto iluminado  
a fronteira de abrigo  
o feltro das palavras  
o parto dos sentidos

## Lapso

---

Há um rasto bem secreto de nevoeiro  
no parque das lembranças peregrinas  
No ar da noite crescem ervas bravas  
entre os dias levantam-se ruínas

Das batalhas erguidas na ribalta  
somente o lodo agora é trajectória  
Por mais que se eleve a bruma dos poços  
há lapsos que não cabem na memória

E há sangue derramado sobre um porto  
onde jazem navios sem notícias  
E não há luz no tempo que nos diga  
quando vão terminar estas sevícias

## Um Dia

---

Há-de haver um dia  
que tarde ou cedo se apagará  
o teu ou o meu sorriso  
Mas que se acenda depois  
na forma de outra boca  
e que se rasgue de excessivo

Há-de haver um dia  
em que as tuas ou as minhas mãos  
fiquem das nossas vazias  
Mas que o sangue lateje  
ao longo das veias dos dedos  
até à crença maior das nossas vidas

Há-de haver um dia  
em que o teu ou o meu peito  
deixarão de vibrar no amplexo  
Mas que mudo ou trémulo o coração  
translade as palavras mais puras  
até ao eco no Universo

Há-de haver um dia  
em que os teus ou os meus olhos  
dirão não à luz da tarde  
Mas que por dentro digam sim  
a uma outra luz em qualquer lado  
que dê indícios de eternidade

Há-de haver um dia  
em que do teu ou do meu corpo  
só haverá memória  
Mas que pra lá do corpo  
fique sempre a presença  
da alma aberta e sóbria



## Entre O Canto E O Choro

---

Recuo até onde tenho memória  
E vejo-me sentada no alpendre  
dessa casa onde vi a luz do mundo  
da terra onde cheguei a adolescente

No meio houve a florida meninice  
e os muitos colos a adoçar-me o corpo  
A minha avó era a dona da aurora  
a minha mãe rainha do sol posto

E terra muita terra a encher-me os olhos  
Mas essa inda me acolhe a existência  
Por isso a canto com toada lírica  
no halo passado no encontro presente

- Só choro nela o que nela perdi  
A idade da verdade e da inocência



## Qualquer Coisa

---

É assim qualquer coisa que me transporta  
como uma jangada ao sopro da brisa  
por espaços que não sinto serem estranhos  
e contudo não me lembro de os ter visto  
E percorro as paisagens mais remotas  
floridas nas madrugadas mais recentes  
E rodam colinas e lagoas  
vestidas de céu e transparências

É assim qualquer coisa que me leva  
aos lugares onde nunca estive  
onde reuno o que de mim se perde  
e o tempo aberto cristaliza  
Onde desço lentamente todos os degraus  
da maresia enrolada nos búzios  
Onde nas horas a fio são tangíveis  
as rasgadas pálpebras das luzes

E é assim qualquer coisa que me prende  
nos arcos dos horizontes mais nimbados  
Habitó um templo entre o sonho e a cal  
e habitam-me consonâncias e pássaros  
Reencontro-me na amplitude do silêncio  
reconheço-me na água que medita  
E é desta qualquer coisa que renasce  
a seiva que atravessa a minha vida



## Divina Luz

---

Lembram-me aqui todas as cores  
um sonho que não se desmente  
O tempo vibra ao som de Agosto  
e um poema crepita de tão quente

Há na colina um pássaro iluminado  
a dar-me a luz de que às vezes sinto falta  
a que brilha por dentro até da noite  
a que se pode agarrar e é tão alta

Que me importam sombras luas ou marés  
diante deste intenso e raro achado  
Se consigo reunir aqui tudo quem sou  
o obscuro e a nitidez do mesmo lado

## Nocturno

---

Da passagem do dia um só véu  
pendurado na noite numa ilharga

Da música só o vulto de uma cítara  
hesitante na saída ou na entrada

Da terra uma grande esfera de cheiro  
dividida entre o recente e o antigo

Do mar só o silêncio numa dúvida  
se chamar-lhe soturno ou noctívago

Da luz uma só claridade estática  
porque o jorro ficou no céu suspenso

Do tempo só uma redonda estátua  
porque é longe demais o movimento

Das palavras só o eco da presença  
porque só as escuto em ondas vagas

Do teu e do meu corpo só memória  
porque as formas se tornaram opacas

E agora no passeio uma só brisa  
a movimentar as folhas do outono

Mas tudo isto foi só o interlúdio  
mais nocturno que coube no meu sonho

## Incursão

---

Quanto tempo caminhamos  
ao longo das nossas vidas  
sem nunca indagarmos nada  
Nem as crateras de bruma  
nem as torres de miragem  
nem os lagos fluorescentes  
Nem os segredos do céu  
nem os motivos da terra  
nem a cultura de um Deus  
Nem o galope das armas  
nem a razão dos tratados  
nem a cor do Universo  
Nem o peso das palavras  
nem o sentido de um grito  
nem a sombra do silêncio  
Nem o percurso da vida  
nem o tempo que se evola  
nem o eco de nós próprios  
Nem o que em nós é matéria  
nem o que é força da mente  
nem o que em nós é volúvel

Só damos ao pensamento  
um lugar prá indagação  
quando a solidão tem forma  
Ou quando o medo nos cerca  
de nos perdermos na treva  
ou acordarmos no abismo  
Ou quando uma voz pergunta  
o que fizemos do tempo  
o que aumentamos à vida  
Ou quando a dor nos inibe  
de ver a luz que sustenta  
a chama dos nossos olhos  
Ou quando o sangue nos grita  
que somos mais limitados



do que a nossa própria sombra  
Ou quando um adeus nos marca  
ou um vendaval nos tomba  
ou um deserto nos colhe  
Ou quando um baque nos faz  
pressentir que a vida treme  
e que a morte nos espreita

## Poema Póstumo

---

Vejo-te quando eu morrer  
a compor um poema  
Não sei com que lágrima  
não sei com que pena  
mas creio que o farás  
mais tarde ou mais cedo  
não sei se em sobressalto  
não sei se em sossego  
Vejo-te deitado  
sobre a nossa cama  
não sei se em cinza  
não sei se em chama  
mas sei que estremeces  
os braços de bruços  
não sei se em surdina  
não sei se em soluços  
Vejo-te ainda  
de negro vestido  
não sei se incrédulo  
ou se constrangido  
não sei se argumentas  
não sei se indagas  
as faces visíveis  
os versos das vagas  
Vejo-te na sombra  
e o poema calado  
não sei se indolente  
ou se inconformado  
E não sei de que grito  
tu serás capaz  
e aos nossos filhos  
o que lhes dirás  
Vejo-te indeciso  
sobre um patamar  
não sei se absorvido  
ou se a observar



a escada da vida  
o degrau da morte  
sei feito de nada  
se troço de sorte  
Mas vejo-te agora  
lento e abstracto  
deitar o poema  
junto ao meu retrato  
Não sei o que diz  
de mim ou de ti  
mas sei que ele existe  
porque eu morri

# Templo

---

Fazes do meu corpo um templo  
que cada vez mais o tempo  
te ensina a contemplar

Há dias em que renovas o templo  
no tempo de um olhar

## Inferno

---

Que torre de basalto se levanta  
e que poço sangrento se aproxima  
Que lava inexacta alastra nas veias  
que grito rói a luz e a surdina

Que poeira sem tréguas se revolve  
que vendaval insurrecto em gás sopra  
que lágrimas de areia se condensam  
que travo se oxida em minha boca

E antevejo um destino sem sentido  
e uma rota decomposta e perdida  
Que interminável dor me aponta a faca  
que vazio insolúvel minha vida

Que estilhaço na muralha do tempo  
e que tortura que é pensar em ti  
Que sismo se debate no meu corpo  
Oh que inferno sonhar que te perdi



## Constatação

---

Num grande labirinto eu vagueava  
estando a cada passo mais perdida  
O vulto da cidade era outro mundo  
Ali não crepitava a minha vida

Não te reconheci naquele quadro  
havia tantas torres que hesitei  
Havia tantas ruas tantos muros  
que nem mesmo a mim própria me encontrei

Nem despida de sol ou de espanto  
nem vestida de névoa ou de mágoa  
Faltavam as dunas e as rochas  
o cheiro da terra e o som da água

Não vislumbrei nem sombra do meu corpo  
nem sequer descobri rasto do meu nome  
porque afinal é só de mar que tenho sede  
porque no fundo só de terra tenho fome

## Sonho

---

Sonhar é conseguir esvoaçar  
em movimentos longos mas ágeis  
de olhos fechados mas pupilas arregaladas  
a ilimitar todas as paisagens  
É poder fazer crescer uma ilha  
sem memória de lá termos estado  
e às margens actuais acrescentar  
as antigas que têm forma de saudade  
É habitar o sótão de uma casa  
onde talvez nos tenhamos despido  
mas nem lembramos em que tempo se situa  
nem as escadas se revelam conhecidas  
É assistirmos comovidos a um teatro  
e reencontrarmos o cheiro grego  
sem que na Grécia tenhamos pousado  
um ombro um olhar ou um cotovelo  
É vibrarmos ao som de uma música  
que o tempo foi tornando gasta  
mas no enlelo com que escutamos  
quase que a essência parece intacta  
Sonhar é despir as roupas convencionais  
e vestir apenas uma túnica de Verão  
ainda que o Inverno nos procure os pés  
e ameace já as nossas mãos  
É fazermos uma caminhada devagar  
e de repente identificarmos uma plaza  
no centro de uma rua de Roma  
sem sabermos a cor do chão de Itália  
É reencontrar as coisas que perdemos  
quando à idade não sobrou espaço  
para as guardar em nenhuma gaveta  
e servem-nos no sonho novo bálsamo  
Sonho A vida requer que sonhe  
E depois sonhar não custa nada  
num lugar à toa numa hora qualquer  
sobretudo se estivermos acordados



## Fosse

---

Fosse o meu olhar mais que um brilho de água  
fossem os teus gestos só de glicínias  
fosse a minha boca uma alvorada  
e fossem os teus dedos violinos

Fosse a noite mais lúdica do ano  
fosse o dia mais lúcido do século  
fosse o canto no espaço além do branco  
fosse o eco no corpo além das células

Fosse uma seiva a renascer da cinza  
fosse o destino um resplendor de círios  
fosse na vida a Vida que não finda  
e fosse assim talvez o paraíso

## Sol E Sombra

---

O que eu sou no sol  
entre o movimento da terra  
é fácil de entender  
O que eu sou na sombra  
entre a paragem do céu  
é o que se confunde no meu ser

O que eu sou no sol  
é tudo o que faço e não desfaço  
é o óbvio que a luz espalha  
O que eu sou na sombra  
é um retrato a preto e branco  
que a poeira amortalha

O que eu sou no sol  
é um vitral escancarado  
à flor da vida que avança  
O que eu sou na sombra  
é o conflito de eu ser mulher  
e querer ainda crescer como criança

## Desencontro

---

Que é da rima da brisa que não rima  
que é do arco de Setembro que não arde  
Que é da sonata lírica que habitava  
uma harpa reunida rente à tarde

Que é da ave que cantava as madrugadas  
que é do mar que desmentia a solidão  
Que é da luz que improvisava uma basílica  
que é da crisálida que renascia do chão

Que é do ramo que agarrava o rubro  
e nem na sombra agora se entrelaça  
Que é do degrau que rangia e não range  
à passagem do tempo que não passa

## Na Pele Adentro

---

Arde um estio  
inconvocado  
na pele adentro  
espada ou força  
suor ou água  
súbito vento  
Morde uma aresta  
desenfreada  
na pele adentro  
espinho ou lasca  
álcool ou febre  
maré do tempo  
Lavra uma cifra  
imensurável  
na pele adentro  
areia ou vidro  
adeus ou rapto  
na pele adentro

## Insónia

---

Era na rua a vivência do sono  
e em toda a casa se repercutia  
Mas os meus olhos mantinham-se acesos  
inventando painéis à luz do dia

Não me incluía o sono em sua teia  
que se urdia tão branca e tão redonda  
A principio é cómico depois trágico  
o tempo em que a vigília se prolonga

E quanto mais as pálpebras cerrava  
mais os painéis cresciam desmedidos  
em imagens macabras e divinas  
mas todas a atigarem-me os sentidos

Passava já das três da madrugada  
e o silêncio era a esteira dos estios  
só eu tinha no corpo sons fantasmas  
só eu tinha na alma dons vadios

## Infância À Beira-Rio

---

Em tudo o que é silêncio que rumor  
em tudo o que é calor que calafrio  
Em tudo o que é esquecido que memória  
me devolve a infância neste rio

Atravessá-lo é cair de joelhos  
ter meio metro e meia dúzia de anos  
É sem ter nada ter o mundo todo  
sem passado ou futuro pra chorarmos

Em tudo o que é suspenso que surpresa  
em tudo o que é retina que verdade  
Em tudo o que perpassa há sempre um lastro  
a demarcar intacta a ingenuidade



## Perplexidade

---

Sem dúvida que tudo tem o seu princípio  
Para aqui chegar basta acordar a consciência  
Mas concretamente o que será necessário  
para se conseguir chegar à grande essência

Por mais que me desfaça não desfaço  
esta minha perplexidade já estigma  
de sentir no Universo tantas vidas  
de sentir em cada vida tanto enigma

## Quase

---

Em verde e branco sonho as asas  
que levarão à Eternidade  
num sol archote comovido  
que multiplica a claridade

Tudo são lisas transparências  
do cimo ao fundo das estrelas  
tudo são gestos de crianças  
a reuni-las e a acendê-las

Todo o caminho é uma escada  
com degraus largos e polidos  
E há um canto solene e insuspeito  
a chamar ao cosmo os sentidos

Falta um degrau para a entrada  
alargo o passo e colmato-o  
Mas eis que acordo e vejo as asas  
a consumir-se em fogo fátuo



## A Meio Da Noite

---

Era na casa a distância do céu  
e além do céu silêncio apodrecido  
Era no quarto o vazio de um peito  
e além do peito um seio entumescido

Era no jardim a marca do vento  
e além do vento um verme na memória  
Era no meu corpo o afogar do sangue  
e além do sangue o ser sem trajectória

Eram na rua passos apressados  
e além dos passos beco ou passaporte  
Eram mãos invisíveis nos meus dedos  
e além das mãos ponto de vida ou morte

## Torre(s)

---

Minha vontade sem tempo  
à sombra de luz nenhuma  
minha cratera de orvalho  
-Minha torre só de espuma  
Minha ponte de querer  
ir mais longe do que perto  
meu eco em bifurcação  
-Minha torre de deserto  
Minha forma de cismar  
rente à brisa matinal  
Meu sonho azul ou dourado  
-Minha torre de cristal  
Minha loucura de querer  
a rosa mais que o perfume  
o meu corpo a estremecer  
-Minha torre de ciúme  
Minha raiva de não ter  
sempre o grito em movimento  
Meu silêncio embriagado  
-Minha torre de ar e vento  
Minha sede do passado  
minha fome do futuro  
Meu carrocel de memórias  
-Minha torre de casulo  
Minha ideia de compor  
o que se perde por partes  
Meu outono amargo e doce  
-Minha torre de contrastes  
Minha pena de não ser  
menos ondas e mais asas  
Meu papel e minha pena  
-Minha torre de palavras!



## Permanência

---

Permaneço  
sobejamente alongada  
nos sinais intermitentes  
dos teus olhos  
E lentamente  
vou descobrindo cores  
que nenhum arco íris  
me mostrou  
E vou-me sustentando  
nesses poços translúcidos  
onde a água nunca seca  
e sempre à tona  
se mantém  
Permaneço  
E através dos teus olhos  
vou recebendo a graça  
de me ser transmitida  
como onda hertziana  
uma porção de paz interior  
que te habita  
Que me importa  
outra sinalética do corpo  
se só a dos teus olhos  
me pode levar  
ao templo sem tempo  
da tua alma  
Permaneço

## ÍNDICE

Silêncio enigma.....	4
Bosque.....	5
Legenda.....	6
Porque.....	7
Bruma.....	8
Passamento.....	9
Mea culpa.....	10
Hoje.....	11
Face ou verso de uma frase.....	12
Tempestade.....	13
Há dias assim.....	14
As quatro estações.....	15
Pele.....	16
Lago.....	17
Interlúdio.....	18
Doloroso.....	19
Procura.....	20
Lapso.....	21
Um dia.....	22
Entre o canto e o choro.....	23
Qualquer coisa.....	24
Divina luz.....	25
Nocturno.....	26
Incursão.....	27
Poema póstumo.....	28
Templo.....	29
Inferno.....	30
Constatação.....	31
Sonho.....	32
Fosse.....	33
Sol e sombra.....	34
Desencontro.....	35
Na pele adentro.....	36
Insônia.....	37
Infância à beira-rio.....	38
Perplexidade.....	39
Quase.....	40
A meio da noite.....	41
Torre(s).....	42
Permanência.....	43

**Colecção**

# digit@lmente

*Título:* **POEMAS TRIANGULARES**

*Autor:* **MANUELA CORREIA**

*Edição em Formato Livro:* **2000**

*Edição em Formato Digital:* **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**  
para esta edição digital

*Contacto:*

**elefante@elefante-editores.net**



Ideias e Paixões que vamos descobrindo  
em cada livro e em cada palavra

**[www.elefante-editores.co.pt](http://www.elefante-editores.co.pt)**

Editores de Poesia desde 1997